

41. POVO DE DEUS, CORPO DE CRISTO, TEMPLO DO ESPÍRITO SANTO

781-810



INTRODUÇÃO

Os parágrafos que vamos estudar juntos continuam o que foi iniciado nos parágrafos anteriores (especialmente 759-768): a Igreja considerada à luz do Mistério da Trindade. Para constatar isso basta olhar o título deste parágrafo 2. Com efeito, a Igreja é Povo de Deus (Pai), é Corpo de Cristo (Filho) e é Templo do Espírito Santo.

Cada Pessoa da Trindade é tomada como ponto de partida para a elaboração de um aspecto particular da natureza da Igreja (para dizer o que é a Igreja).

TEXTO 781-810

PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA SEÇÃO: A PROFISSÃO DA FÉ CRISTÃ

CAPÍTULO III: CREIO NO ESPÍRITO SANTO

ARTIGO 9: CREIO NA SANTA IGREJA CATÓLICA

PARÁGRAFO 2: A IGREJA: POVO DE DEUS, CORPO DE CRISTO, TEMPLO DO ESPÍRITO SANTO

I. A IGREJA – POVO DE DEUS

781. “Em todos os tempos e em todas as nações foi agradável a Deus aquele que O teme e pratica a justiça. No entanto, aprouve a Deus salvar e santificar os homens não individualmente, excluída qualquer ligação entre eles, mas constituindo-os em povo que O conhecesse na verdade e O servisse na santidade. Foi por isso que escolheu Israel para ser o seu povo, estabeleceu com ele uma aliança e instruiu-o progressivamente manifestando-se a Si mesmo e os desígnios da Sua vontade na história desse povo, e santificando-o para Si. Mas tudo isso aconteceu como preparação da Aliança nova e perfeita, que seria concluída em Cristo [...]. Esta nova Aliança instituiu-a Cristo no seu Sangue, chamando um povo, proveniente de judeus e pagãos, a juntar-se na unidade, não segundo a carne, mas no Espírito”.



As características do Povo de Deus

782. O povo de Deus possui características que o distinguem nitidamente de todos os agrupamentos religiosos, étnicos, políticos ou culturais da história:

- é o povo *de Deus*: Deus não é propriedade de nenhum povo; mas adquiriu para Si um povo constituído por aqueles que outrora não eram um povo: «raça eleita, sacerdócio real, nação santa» (1Pd 2,9);
- vem-se a ser *membro* deste povo, não pelo nascimento físico, mas pelo «nascimento do Alto», «da água e do Espírito» (Jo 3,3-5), isto é, pela fé em Cristo e pelo Batismo;
- este povo tem por *Cabeça* Jesus Cristo (o Ungido, o Messias): porque a mesma unção, o Espírito Santo, flui da Cabeça por todo o Corpo, este é o «povo messiânico»;
- «a *condição* deste povo é a dignidade da liberdade dos filhos de Deus: nos seus corações, como num templo, reside o Espírito Santo»;
- «a sua *lei* é o mandamento novo, de amar como o próprio Cristo nos amou»; é a lei «nova» do Espírito Santo;
- a sua *missão* é ser o sal da terra e a luz do mundo. «Constitui para todo o gênero humano o mais forte gérmen de unidade, esperança e salvação»;
- o seu *destino*, finalmente, é «o Reino de Deus, o qual, começado na terra pelo próprio Deus, se deve dilatar cada vez mais, até ser também por Ele consumado no fim dos séculos».

Um povo sacerdotal, profético e real

783. Jesus Cristo é Aquele que o Pai ungiu com o Espírito Santo e constituiu «sacerdote, profeta e rei». Todo o povo de Deus participa destas três funções de Cristo, com as responsabilidades de missão e de serviço que delas resultam.

784. Ao entrar no povo de Deus pela fé e pelo Batismo, participa-se na vocação única deste povo: na sua vocação *sacerdotal* – «Cristo Senhor, sumo-sacerdote escolhido de entre os homens, fez do povo novo «um reino de sacerdotes para o seu Deus e Pai». Na

verdade, pela regeneração e pela unção do Espírito Santo, os batizados são *consagrados* para serem uma casa espiritual, um sacerdócio santo.

785. «O povo santo de Deus participa também da função *profética* de Cristo», sobretudo pelo sentido sobrenatural da fé, que é o de todo o povo, leigos e hierarquia, quando «adere indefectivelmente à fé transmitida aos santos de uma vez por todas», aprofunda o conhecimento da mesma, e se torna testemunha de Cristo no meio deste mundo.

786. Finalmente, o povo de Deus participa na função *real* de Cristo. Cristo exerce a sua realeza atraindo a Si todos os homens pela sua morte e ressurreição. Cristo, Rei e Senhor do universo, fez-Se o servo de todos, pois «não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida como resgate pela multidão» (Mt 20,28). Para o cristão, «reinar é servi-Lo», em especial nos pobres e nos que sofrem, nos quais a Igreja reconhece a imagem do seu Fundador pobre e sofredor. O povo de Deus realiza a sua «dignidade real» na medida em que viver de acordo com esta vocação de servir com Cristo.

«De todos os regenerados em Cristo, o sinal da cruz faz reis, a unção do Espírito Santo consagra sacerdotes, para que, independentemente do serviço particular do nosso ministério, todos os cristãos espirituais no uso da razão se reconheçam membros desta estirpe real e participantes da função sacerdotal. De fato, que há de tão real para uma alma como governar o seu corpo na submissão a Deus? E que há de tão sacerdotal como oferecer ao Senhor uma consciência pura, imolando no altar do seu coração as vítimas sem mancha da piedade?».



II. A Igreja – Corpo de Cristo

A Igreja é comunhão com Jesus

787. Desde o princípio, Jesus associou os discípulos à sua vida. Revelou-lhes o mistério do Reino: deu-lhes parte na sua missão, na sua alegria e nos seus sofrimento. Jesus fala duma comunhão ainda mais íntima entre Ele e os que O seguem: «Permaneeci em Mim, como Eu em vós [...]. Eu sou a cepa, vós os ramos» (Jo 15,4-5). E anuncia uma comunhão misteriosa e real entre o seu próprio Corpo e o nosso: «Quem come a minha Carne e bebe o meu Sangue permanece em Mim e Eu nele» (Jo 6,56).

788. Quando a sua presença visível lhes foi tirada, Jesus não deixou órfãos os discípulos. Prometeu-lhes ficar com eles até ao fim dos tempos, e enviou-lhes o seu Espírito. A comunhão com Jesus tornou-se, de certo modo, mais intensa:

«Comunicando o seu Espírito aos seus irmãos, por Ele reunidos de todas as nações, constituiu-os seu Corpo Místico».

789. A comparação da Igreja com um corpo lança uma luz particular sobre a ligação íntima existente entre a Igreja e Cristo. Ela não está somente reunida *à volta d'Ele*: está unificada *n'Ele*, no seu Corpo. Na Igreja, Corpo de Cristo, são de salientar mais especificamente três aspectos: a unidade de todos os membros entre si, pela união a Cristo; Cristo, Cabeça do Corpo; a Igreja, Esposa de Cristo.

«Um só corpo»

790. Os crentes que respondem à Palavra de Deus e se tornam membros do Corpo de Cristo, ficam estreitamente unidos a Cristo: «Neste Corpo, a vida de Cristo difunde-se nos crentes, unidos pelos sacramentos, dum modo misterioso e real, a Cristo sofredor e glorificado». Isto verifica-se particularmente no Batismo, que nos une à morte e ressurreição de Cristo, e na Eucaristia, pela qual, «participando realmente no Corpo de Cristo», somos elevados à comunhão com Ele e entre nós.

791. Mas a unidade do Corpo não anula a diversidade dos membros: «Na edificação do Corpo de Cristo existe diversidade de membros e funções. É o mesmo Espírito que distribui os seus vários dons, segundo a sua riqueza e as necessidades dos ministérios para utilidade da Igreja». A unidade do Corpo Místico produz e estimula a caridade entre os fiéis: «Daí que, se algum membro padece, todos os membros sofrem juntamente; e se algum membro recebe honras, todos se alegram». Em suma, a unidade do Corpo Místico triunfa sobre todas as divisões humanas: «Todos vós que fostes batizados em Cristo, fostes revestidos de Cristo. Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher; porque todos vós sois um só, em Cristo Jesus» (Gl 3,27-28).

«A cabeça deste corpo é Cristo»

792. Cristo «é a Cabeça do Corpo que é a Igreja» (Cl 1,18). Ele é o Princípio da criação e da Redenção. Elevado à glória do Pai, «tem em tudo a primazia» (Cl 1,18), principalmente sobre a Igreja, por meio da qual estende o seu reinado sobre tudo quanto existe.

793. *Une-nos à sua Páscoa*: todos os membros se devem esforçar por se parecerem com Ele, «até que Cristo Se forme neles» (Gl 4,19). «É para isso que nós somos introduzidos nos mistérios da sua vida [...], associados aos seus sofrimentos como o corpo à cabeça, unidos à sua paixão para ser unidos à sua glória».

794. *Provê ao nosso crescimento*: a fim de crescermos em tudo para Aquele que é a Cabeça, Cristo distribui no seu Corpo, a Igreja, os dons e os serviços pelos quais mutuamente nos ajudamos no caminho da salvação.

795. Cristo e a Igreja são, pois, o «Cristo total» (*Christus totus*). A Igreja é uma com Cristo. Os santos têm desta unidade uma consciência muito viva:

«Congratulemo-nos, pois, e dêmos graças pelo fato de nos termos tornado não apenas cristãos, mas o próprio Cristo. Estais a compreender, irmãos, a graça que Deus nos fez, dando-nos Cristo por Cabeça? Admirai e alegrai-vos: nós tornámo-nos Cristo. Com efeito, uma vez que Ele é a Cabeça e nós os membros, o homem completo é Ele e nós [...]. A plenitude de Cristo é, portanto, a Cabeça e os membros. Que quer dizer: a Cabeça e os membros? Cristo e a Igreja».

«*Redemptor noster unam se personam cum sanctam Ecclesiam, quam assumpsit, exhibuit* – O nosso Redentor apresentou-Se a Si próprio como uma única pessoa unida à santa Igreja, que Ele assumiu».

«*Caput et membra, quasi una persona mystica* – Cabeça e membros são, por assim dizer, uma só e mesma pessoa mística».

Uma palavra de Santa Joana d'Arc aos seus juízes resume a fé dos santos Doutores e exprime o bom-senso do crente: «De Jesus Cristo e da Igreja eu penso que são um só, e não há que levantar dificuldades a esse respeito».



A Igreja é a esposa de Cristo

796. A unidade de Cristo e da Igreja, Cabeça e membros do Corpo, implica também a distinção entre ambos, numa relação pessoal. Este aspecto é, muitas vezes, expresso pela imagem do esposo e da esposa. O tema de Cristo Esposo da Igreja foi preparado pelos profetas e anunciado por João Baptista. O próprio Senhor Se designou como «o Esposo» (Mc 2,19). E o Apóstolo apresenta a Igreja e cada fiel, membro do seu Corpo, como uma esposa «desposada» com Cristo Senhor, para formar com Ele um só Espírito. Ela é a Esposa imaculada do Cordeiro imaculado que Cristo amou, pela qual Se entregou «para a santificar» (Ef 5,26), que associou a Si por uma aliança eterna, e à qual não cessa de prestar cuidados como ao Seu próprio Corpo.

«Eis o Cristo total, Cabeça e Corpo, um só, formado de muitos [...]. Quer seja a Cabeça que fale, quer sejam os membros, é Cristo que fala: fala desempenhando o papel de Cabeça (*ex persona capitis*), ou, então, desempenhando o papel do Corpo (*ex persona corporis*). Conforme ao que está escrito: «Serão os dois uma só carne. É esse um grande mistério; digo-o em relação a Cristo e à Igreja» (Ef 5,31-32). E o próprio Senhor diz no

Evangelho: «Já não são dois, mas uma só carne» (Mt 19, 6). Como vedes, temos, de algum modo, duas pessoas diferentes; no entanto, tornam-se uma só na união esponsal [...] «Diz-se "Esposo" enquanto Cabeça e "esposa" enquanto Corpo».



III. A Igreja – Templo do Espírito Santo

797. «O que o nosso espírito, quer dizer, a nossa alma, é para os nossos membros, o Espírito Santo é-o para os membros de Cristo, para o Corpo de Cristo, que é a Igreja» (248). «É ao Espírito de Cristo, como a um princípio oculto, que se deve atribuir o fato de todas as partes do Corpo estarem unidas, tanto entre si como com a Cabeça suprema, pois Ele está todo na Cabeça, todo no Corpo, todo em cada um dos seus membros». É o Espírito Santo que faz da Igreja «o templo do Deus vivo» (2Cor 6,16):

«De fato, foi à própria Igreja que o dom de Deus foi confiado [...]. Nela foi depositada a comunhão com Cristo, isto é, o Espírito Santo, arras da incorruptibilidade, confirmação da nossa fé e escada da nossa ascensão para Deus [...]. Porque onde está a Igreja, aí está também o Espírito de Deus; e onde está o Espírito de Deus, aí está a Igreja e toda a graça».

798. O Espírito Santo é «o princípio de toda a ação vital e verdadeiramente salvífica em cada uma das diversas partes do Corpo», Ele realiza, de múltiplas maneiras, a edificação de todo o Corpo na caridade: pela Palavra de Deus, «que tem o poder de construir o edifício» (At 20,32); mediante o Batismo, pelo qual forma o Corpo de Cristo; pelos sacramentos, que fazem crescer e curam os membros de Cristo; pela «graça dada aos Apóstolos que ocupa o primeiro lugar entre os seus dons»; pelas virtudes que fazem agir segundo o bem; enfim, pelas múltiplas graças especiais (chamadas «carismas») pelos quais Ele torna os fiéis «aptos e disponíveis para assumir os diferentes cargos e ofícios proveitosos para a renovação e cada vez mais ampla edificação da Igreja».

Os carismas

799. Extraordinários ou simples e humildes, os carismas são graças do Espírito Santo que, direta ou indiretamente, têm uma utilidade eclesial, ordenados como são para a edificação da Igreja, o bem dos homens e as necessidades do mundo.

800. Os carismas devem ser acolhidos com reconhecimento por aquele que os recebe, mas também por todos os membros da Igreja. De fato, eles são uma maravilhosa riqueza de graças para a vitalidade apostólica e para a santidade de todo o Corpo de Cristo; desde que se trate de dons verdadeiramente procedentes do Espírito Santo e exercidos de modo plenamente conforme aos impulsos autênticos do mesmo Espírito, quer dizer, segundo a caridade, verdadeira medida dos carismas.

801. Nesse sentido será sempre necessário o discernimento dos carismas. Nenhum carisma dispensa a referência e a submissão aos pastores da Igreja. «A eles compete, de modo especial, não extinguir o Espírito, mas tudo examinar para reter o que é bom», de modo que todos os carismas, na sua diversidade e complementaridade, cooperem para o «bem comum» (1Cor 12,7).

Resumindo:

802. *Jesus Cristo «entregou-Se por nós, a fim de nos resgatar de toda a iniquidade e de purificar e constituir um povo de sua exclusiva posse» (Tt 2, 14).*

803. *«Vós sois geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo adquirido» (1Pd 2,9).*

804. *Entra-se no povo de Deus pela fé e pelo Batismo. «Todos os homens são chamados a fazer parte do povo de Deus», para que, em Cristo, «os homens constituam uma só família e um único povo de Deus».*

805. *A Igreja é o Corpo de Cristo. Pelo Espírito e pela sua ação nos sacramentos, sobretudo na Eucaristia, Cristo morto e ressuscitado constitui como seu Corpo a comunidade dos crentes.*

806. *Na unidade deste Corpo, existe diversidade de membros e de funções. Mas todos os membros estão unidos uns aos outros, particularmente àqueles que sofrem, aos pobres e aos perseguidos.*

807. *A Igreja é este Corpo, cuja Cabeça é Cristo: ela vive d'Ele, n'Ele e para Ele; e Ele vive com ela e nela.*

808. *A Igreja é a Esposa de Cristo: Ele amou-a e entregou-Se por ela. Purificou-a pelo seu sangue. Fez dela a mãe fecunda de todos os filhos de Deus.*

809. *A Igreja é o Templo do Espírito Santo. O Espírito é como que a alma do Corpo Místico, princípio da sua vida, da unidade na diversidade e da riqueza dos seus dons e carismas.*

810. *«A Igreja universal aparece, assim, como "um povo que vai buscar a sua unidade à unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo"».*



Revisando temas

1. A Igreja – Povo de Deus

Os parágrafos 781 e 782 desenvolvem o tema da Igreja Povo de Deus e estão em estreita consonância com o segundo capítulo da *Lumen Gentium* que tem, não por acaso, o mesmo título.

Como devemos entender essa imagem aplicada à Igreja e que serve para “defini-la”?

Primeiramente a expressão “Povo de Deus” não deve ser entendida em sentido sociológico e ideológico. Muitas vezes a expressão é usada e aplicada à Igreja em um senso meramente político o que acaba por empobrecer e deturpar a própria compreensão do que é a Igreja e a sua missão. Para captar de modo adequado o conteúdo da expressão “Povo de Deus”, temos que prestar atenção à Bíblia. Ao fazer isso, caímos na conta de que a Escritura usa o termo não somente para designar a Igreja, mas primeiramente para se referir ao povo de Israel. O NT, inclusive quando fala do novo Povo de Deus, só o faz porque a Igreja se tornou o novo Israel.

“Definir” a Igreja como “Povo de Deus” significa, portanto, reconhecer a Igreja inserida dentro da história universal da humanidade e da ação salvadora de Deus que precede e que prepara a fundação da Igreja. A Igreja “Povo de Deus” foi preparada pelo chamado e eleição do povo de Israel e, por isso, está unida a ele de um modo especial.

Enquanto a imagem do Corpo de Cristo implica a consideração de uma relação que distingue claramente os que pertencem à Igreja dos que não fazem parte dela, a imagem de Povo de Deus permite uma concepção mais elástica e matizada da relação entre a Igreja e os outros (cf. LG 12-16).

A imagem de Povo de Deus aplicada à Igreja chama a atenção para a igualdade fundamental de todos os que pertencem a esse povo. Manifesta também a sua índole peregrina; trata-se de um povo que caminha rumo ao cumprimento do Reino que terá lugar na Parusia. Uma vez que o novo Povo de Deus se encontra na situação de Êxodo, deve suportar muitas tribulações e dificuldades que são inerentes à necessidade de renovação e reforma permanente.

Para distinguir o Povo de Deus de outros agrupamentos humanos, o Catecismo descreve a Igreja como Povo escolhido por Deus, guiado por Cristo, libertado pelo Espírito Santo, governado pela lei do amor, constituído pela fé e pelo batismo, encarregado de promover a vinda do Reino de Deus.

Por fim o Catecismo expõe o tríplice múnus de Cristo (sacerdote, profeta e rei) que é comunicado à Igreja. A participação nessa tríplice missão e função de ensinar, santificar e de governar/julgar são as atividades fundamentais da Igreja e do serviço que ela deve prestar ao mundo.



2. IGREJA – CORPO DE CRISTO

A imagem do Corpo de Cristo está presente nas cartas de S. Paulo, mas na reflexão teológica sobre o mistério da Igreja, tem importância fundamental o ensinamento de Pio XII que recorreu a essa imagem para “definir” a Igreja. Ao fazer isso, Pio XII procurou equilibrar a reflexão sobre a Igreja que, na época, estava exclusivamente concentrada sobre os aspectos visíveis da Igreja.

Os parágrafos 787-796 do Catecismo focalizam a nossa atenção sobre os aspectos interiores e espirituais da Igreja. Assim a Igreja é apresentada como uma comunhão com Jesus Cristo. Para qualificar que tipo de comunhão há entre os fiéis e Cristo, o Catecismo se refere aos textos do Novo Testamento que usam a palavra “koinonia”. Característica própria dessa comunhão é a relação de intimidade entre Jesus e os seus discípulos: “desde o início, Jesus associou seus discípulos à sua vida, revelou-lhes os mistério do Reino, deu-lhes participar de sua missão, de sua alegria e de seus sofrimentos” (787). Trata-se de uma participação vital e pessoal, semelhante à que ocorre entre a videira e os ramos.

Essa participação misteriosa e real se realiza na Eucaristia.

O envio do Espírito Santo torna mais íntima e mais intensa a união (koinonia) entre Jesus e os discípulos, uma vez que não estão associados a Ele somente exteriormente, mas unidos intimamente a Ele.

O Catecismo destaca três aspectos da koinonia que é própria da Igreja-Corpo de Cristo: “a unidade de todos os membros entre si por sua união com Cristo; Cristo Cabeça do corpo; a Igreja, Esposa de Cristo” (789).

O primeiro aspecto se refere à unidade do corpo (790-791) que não é mero resultado do esforço humano, mas é obra da Palavra e dos sacramentos. A comunhão com Cristo é realizada pela resposta de fé à proclamação da Palavra e pela celebração dos sacramentos da fé. Essa unidade-koinonia não elimina a diversidade dos membros que constituem o corpo, antes a preserva e a faz concorrer para o bem de todo o corpo. A compatibilidade e harmonia entre diversidade e unidade estão baseadas no fato de que há um só Espírito que suscita a variedade dos carismas. A unidade da Igreja, Corpo de Cristo que tem muitos membros, corresponde à sua catolicidade.

Os parágrafos 792-795 explicam a unidade do corpo em relação com Cristo, cabeça desse mesmo corpo. Tudo foi criado em Cristo e tudo foi por Ele redimido. Essa união é o que permite que os mistérios da vida de Cristo revivam nos discípulos. Enquanto cabeça, Cristo distribui dons e ministérios que permitem ao corpo chegar a sua plena maturidade. Assim os membros do corpo não somente se tornam cristãos, mas também, de maneira real e sem perder a própria identidade, o próprio Cristo.

Por fim, o parágrafo 796 expõe o terceiro aspecto da unidade eclesial. A Igreja está intimamente unida a Cristo de maneira sponsal. Essa imagem completa e aprofunda a imagem do corpo e da cabeça, garantindo que a natureza interpessoal não é negada pela unidade eclesial. A unidade da Igreja não implica em uniformidade nem em despersonalização. A Igreja pode ser comparada à esposa que se une a Cristo em todas as dimensões próprias da união matrimonial: fidelidade, amor e fecundidade de tal relação.



3. IGREJA – TEMPLO DO ESPÍRITO SANTO

Os parágrafos 797-801 devem ser lidos junto com outros já estudados: os parágrafos 737-741 que falam sobre Pentecostes e o papel do Espírito Santo na missão e na vida da Igreja; os parágrafos 767-768 que descrevem a ação do Espírito nas origens da Igreja; os parágrafos 1091-1109 que apresentam os fundamentos pneumatológicos a vida litúrgica e sacramental da Igreja.

A citação de Santo Agostinho abre esse tema da Igreja como Templo do Espírito Santo. “Aquilo que nosso espírito, ou seja, a nossa alma, é em relação a nossos membros, assim é o Espírito Santo em relação aos membros de Cristo, ao corpo de Cristo que é a Igreja”. A unidade e a vida interior, produzidas pelo Espírito, constituem a Igreja como corpo de Cristo.

Além dessa citação, podemos também fazer outras que não são mencionadas pelo Catecismo. A primeira é a de LG 8 que estabelece uma analogia entre o mistério de Cristo e o da encarnação: “Como a natureza que assunta está a serviço do Verbo divino, qual instrumento vivo de salvação, a Ele indissolivelmente unido, assim também de maneira semelhante o organismo social da Igreja está a serviço do Espírito de Cristo que o vivifica, para o crescimento do corpo”. Outra citação que pode ser acrescentada é a de UR 2: “O Espírito Santo, que habita nos fiéis, plenifica e rege toda a Igreja, produz a maravilhosa comunhão dos fiéis que une tão intimamente todos em Cristo a ponto de ser, de fato, o princípio de unidade na Igreja”.

Os três parágrafos que se referem aos dons carismáticos (799-801) evidenciam que eles estão a serviço da bem de toda a Igreja e não devem ser considerados como prerrogativas pessoais. Nesse sentido, devem ser reconhecidos por todos e exercidos sob a guia dos pastores da Igreja, cuja responsabilidade é a de discerni-los e de coordená-los para a missão da Igreja. Os carismas aparecem como riqueza (a catolicidade) da graça para a vitalidade apostólica e para a santidade de todo o Corpo (unidade) místico de Cristo.

Leitura complementar: A Igreja e o Espírito Santo

A Igreja se torna, pelo envio do Espírito em Pentecostes, a **comunidade (ekklesia) escatológica** de Deus. A Igreja é o “**espaço**” **concreto e histórico** em que se dá o agir do Espírito Santo, nela “floresce o Espírito”. Tanto a Igreja, com seus sacramentos da eucaristia (“comunhão dos santos”), do batismo e da penitência (“perdão dos pecados”), como a consumação da história na “ressurreição dos mortos” e na “vida eterna” são consideradas como os modos pelos quais o Espírito atualiza permanentemente e consoma definitivamente o evento da autocomunicação de Deus.

A forma mais alta de fé pode dirigir-se somente a Deus e à sua auto-revelação em Jesus Cristo e no Espírito Santo. A Igreja, porém, é **inserida nessa fé** em Deus: nós cremos que ela é, apesar do pecado, o **lugar destacado e indestrutível** da presença do Espírito de Deus no mundo, presença que une (“*una*”), santifica (“*sancta*”), que abrange tudo (“*catholica*”) e faz permanecer na verdade original (“*apostolica*”).

Dentre esses aspectos, se destaca uma atividade do Espírito Santo, a saber, que Ele, como o **amor unitivo** de Deus, **reúne os homens** numa verdadeira “comunidade na fé”. “O mesmo Espírito, unificando o corpo por Si e Sua força e pela **conexão interna** dos membros, **produz e estimula a caridade** entre os fiéis” (LG 7). “O Espírito Santo, que habita nos crentes, que enche e governa toda a Igreja, é quem realiza aquela maravilhosa comunhão dos fiéis (*communio fidelium*) e une todos tão intimamente em Cristo, de modo a ser o **Princípio da unidade** da Igreja. É Ele quem opera a distribuição das graças e dos ministérios” (UR 2).

a. O Espírito Santo como “espaço” que possibilita a fé

O Espírito Santo só é conhecido **a partir de Jesus Cristo**. Pelo Cristo, exaltado em sua morte e ressurreição, é transmitido o Espírito Santo como dom de sua presença

permanente. Quem quiser saber “quem” é o Espírito Santo que nos foi dado deverá, portanto, olhar com fé para o Jesus histórico e glorificado: o Espírito Santo é o dom do amor de Deus feito homem, **dom “interiorizado”**, derramado em nossos corações (cf. Rm 5,5).

Por outro lado, é o Espírito Santo quem possibilita a fé em Jesus Cristo. Só se pode reconhecer que o Jesus histórico é realmente o Cristo **no** Espírito Santo (cf. 1Cor 12,3): Todo encontro de fé com Deus acontece sempre no Espírito Santo; sem essa **pré-condição**, proporcionada por Deus e que nos abre os olhos, não pode haver fé. Pois só quem entra na amorosa relação entre o Pai e o Filho, neste Espírito que os une, pode ganhar os **olhos do amor**, com os quais pode reconhecer no Jesus histórico o Filho eterno do Pai. “No” Espírito Santo, ficamos inteiramente preenchidos e tomados por ele, de sorte que podemos confessar na fé: “Jesus Cristo é o Senhor!” (Rm 10,9; 1Cor 12,3; Fl 2,11). “Deus, por assim dizer, já está no Espírito lá onde ele chega por meio do Logos”.

Resumindo as duas perspectivas podemos dizer que para saber quem é o ES é preciso olhar para Jesus Cristo; e para crer em Cristo é preciso a comunicação do Espírito Santo.

Donde se segue que também a Igreja, enquanto relação de fé comunitária com Deus, só pode surgir e existir na medida em que homens entram no “espaço” do Espírito Santo. **Somente “no Espírito” é possível a Igreja**, ou seja, a Igreja surge somente na medida em que o *Pneuma* possibilita a fé pessoal e comunitária. A Igreja sempre constitui o “espaço de vida” que possibilita concretamente a fé, no qual as pessoas recebem, pela pregação e pelo batismo, a fé, e a desenvolvem pela participação em todas as realizações básicas da Igreja.

O Espírito Santo, com toda sua interiorização e inabituação nos fiéis e na Igreja, permanece Aquele que **envolve** e **está para além** de tudo. A Igreja jamais pode considerar o Espírito Santo como **posse** segura, como “**parte integrante**” do seu próprio organismo. Não o pode jamais prender, com segurança quase automática, a seus desempenhos ministeriais, sacramentais e mesmo carismáticos, mas deve pedi-lo e recebê-lo repetidamente como o dom sempre maior, que supera os seus quadros institucionais, sacramentais e carismáticos.

b. O Espírito Santo como comunhão (koinonia) em Deus

O Espírito Santo é entendido como a unidade, como que a “**unio**” e “**communio**” **personificadas** do amor em Deus, que se oferece e recebe infinitamente. Essa concepção vem de Agostinho, que na sua obra *De Trinitate* tenta cuidadosamente se aproximar da natureza do Espírito Santo:

“O Espírito Santo é, portanto, uma **espécie de inefável comunhão** (*ineffabilis quaedam communio*) do Pai e do Filho. Talvez derive o seu nome do fato de se poder empregar a mesma designação para o Pai e para o Filho. Ele é chamado em sentido próprio o que os dois outros se chamam em senso comum. O Pai é também espírito, espírito é também o Filho, santo é o Pai e santo é o Filho. Portanto, para que um nome, que convém aos dois, indique a recíproca comunhão deles, chama-se o Espírito Santo de *Dom* dos dois” (*De Trinitate*, 5,11,12: PL 42,919).

“Creio que não seja por outra razão que ele é chamado de Espírito em senso próprio, pois, quando se pergunta sobre cada uma das pessoas, nós não podemos

deixar de afirmar que o Pai é espírito e que o Filho é espírito, uma vez que Deus é espírito (cf. Jo 4,24), ou seja, que Deus não é um corpo, mas espírito. Portanto o nome que eles, tanto um quanto o outro, têm em comum convém dar em senso próprio àquele que não é nenhum deles, mas no qual aparece a comunhão de ambos” (*Tract.* 99,7 CCL 36,586).

O Espírito Santo é **caridade substancial e consubstancial** do Pai e do Filho. Ele une tão estreitamente que o Pai e o Filho são realmente um só e, sendo o Espírito de ambos, une-se a eles para ser com eles a Trindade um só Deus. Ao identificar o Espírito com a caridade do Pai e do Filho, reconhecemos uma **Caridade “pessoal”** além da caridade-essência divina. As três pessoas são evidentemente caridade (Deus é caridade), mas o Espírito é **caridade procedente** do Pai e do Filho, é caridade consubstancial e recíproca do Pai e do Filho.

O amor, pelo qual Pai e Filho se unem e que comunicam entre si, transborda para os homens e os faz amar Deus e os irmãos. Como efusão do Espírito nos corações, o amor fraterno **revela, não constitui**, a propriedade pessoal do Espírito. Por isso a vida cristã é uma verdadeira participação na vida trinitária que consiste na comunhão da caridade substancial e consubstancial do Pai e do Filho.

A propriedade pessoal do Espírito Santo explica assim o seu **modo de operar na economia** da salvação: como o Espírito Santo é a comunhão inefável do Pai e do Filho, na economia da salvação, assim também sua ação econômica será a de unir os homens entre si e com Deus. A relação dos fiéis com o Pai por meio da filiação no Filho tem no Espírito seu princípio de **acesso**, de **origem**, de **diferença** e de **intimidade** e está incluída nas relações de origem dos Autores divinos da salvação.

Como o Espírito Santo une Pai e Filho?

De um lado, o Espírito (em analogia com seu papel de possibilitar a fé) é intratrinitariamente o “meio” sempre dado e mediador, o “espaço” do amor entre Pai e Filho. Deus é desde sempre “Espírito”.

De outro lado, porém, o Espírito Santo também procede dessa doação recíproca como o “resultado” de seu sucesso e harmonia (“que procede do Pai e do Filho”). No Espírito Santo, o mútuo relacionamento de amor entre Pai e Filho recebe a forma do “**nós**”, como a unidade que resulta de sua doação recíproca. Disso se entende o caráter específico do Espírito Santo de ser Dom. Nele culmina e se objetiva o doar-se mútuo de Pai e Filho. Se Deus trino se doa às suas criaturas, chega a elas como esse Dom, como força do Espírito que estabelece a unidade com Deus e entre todas as criaturas. E damos o nome de “Igreja” a esse acontecer do Dom de Deus acolhido.

O Espírito Santo é **amor unificante** de Deus que não se dissolve no Pai e no Filho, mas, ao invés, faz aparecer sua **diversidade pessoal inconfundível**; o Pai não desaparece no Filho, nem o Filho no Pai. Justamente no amor do Espírito Santo, que **unifica de modo inseparável**, o Pai se mostra inconfundivelmente como origem de amor que se doa e o Filho como aquele que recebe esse amor. Pode-se, simplificando, exprimir essa compreensão com uma formulação: quanto maior é a unidade entre os que se amam, tanto maior também é a liberdade concedida um ao outro para poder ser diferente. O modelo original da realização desse aparente paradoxo acha-se na Trindade que **une o diverso sem cancelá-lo**. Na Trindade se mantém o **mais estreito** comunicar-se recíproco e, ao mesmo tempo, a **mais alta diferenciação pessoal**. Justamente a partir

do protótipo e modelo trinitário se percebe o alcance de um enfoque pneumatológico para a eclesiologia.

c. O Espírito Santo como entrega do Jesus crucificado e ressuscitado

Precisamente na **cruz** aparece claramente a unidade e a diversidade entre Pai e Filho. Em total acordo com o Pai, Jesus deixa-se “entregar” por ele, a fim de introduzir no mundo fechado a Deus o amor de Deus (cf. Mc 10,33; 14,41; Jo 3,16; Rm 4,25; ICor 11,23). O Filho morre como criminoso e “amaldiçoado por” Deus (2Cor 5,21; Gl 3,13); esvazia-se de toda a glória divina e humana. Jesus mergulha na pobreza do grão de trigo o amor de Deus solidário com os perdidos.

O Evangelho de João ressalta também o **significado eclesiológico** deste evento: “Ele entregou o Espírito” (Jo 19,30). Ou seja: na morte de Jesus manifesta-se o amor de Deus como entrega e doação. Na morte se entregam inteiramente o amor do Pai e o amor do Filho como dom do Espírito Santo aos homens e concretamente aos que foram com Jesus até o fim do caminho da cruz: sua mãe, as outras mulheres, e o “discípulo amado”. Eles, como a célula original da Igreja, recebem o Espírito Santo para viverem segundo o novo mandamento de Jesus: “Amai-vos uns aos outros! Assim como eu vos amei, deveis amar uns aos outros!” (Jo 13,34). Lá onde o Espírito Santo liberta o homem para essa entrega recíproca surge Igreja, o ícone da *communio* de Deus.

João atesta ainda que da ferida aberta no lado de Jesus correm “sangue e água” (Jo 19,33-37). Na interpretação bíblica espiritual dos Padres da Igreja (cf. também LG 3), esse acontecimento é interpretado com referência à origem dos sacramentos da **eucaristia** e do **batismo**. A entrega do Espírito se manifesta justamente nesses dois sinais eclesiais, pelos quais os fiéis se apropriam da nova vida do Cristo crucificado e ressuscitado. O dom pascal da paz e do poder de perdoar os pecados (batismo e penitência), dado na renovada recepção do Espírito Santo, constitui o fundamento da reunião definitiva e do envio da comunidade dos discípulos pelo Ressuscitado (Jo 20,19-23).

d. Unidade e pluralidade na Igreja

O alcance prático dessa **fundamentação pneumatológica da Igreja** está na analogia da unidade operada pelo Espírito Santo entre os homens. Também neste ponto Agostinho lançou os marcos. Ele estabelece expressamente a relação entre a *comunhão* trinitária e a *comunhão* eclesial: “Pelo que é comum ao Pai e ao Filho, eles querem fundar comunidade entre nós e com eles; por aquele dom, que une a ambos, eles nos querem levar juntos à unidade, ou seja, pelo Espírito Santo, que é Deus e dom de Deus; por ele somos reconciliados com Deus e por ele nos alegamos” (*Sermo*, 71,18: PL 38,454).

Entre unidade e variedade, comunidade e personalidade, não há, na vida eclesial, a relação de predomínio de um antes de outros e sim a de mesma **origem**. Relação pessoal com Deus e relação comunitária de uns com os outros só podem crescer reciprocamente no “espaço” do amor de Deus, *comunhão* que se funda no agir unificante e diversificante do Espírito Santo.

A Igreja existe como “**comunhão de Igrejas**”, que somente em sua variedade leva a Igreja universal à plenitude de sua unidade: “Em virtude desta catholicidade, cada uma das partes traz seus próprios dons às demais partes e a toda a Igreja. Assim o todo e cada uma das partes aumentam, comunicando entre si todas as riquezas e aspirando à plenitude na unidade” (LG 13).

Na questão acerca da relação da **colegialidade** dos bispos com o **primado** do papa, o Concílio tentou igualmente corrigir uma evolução unilateral e elaborar mais vigorosamente a mútua ligação. Assim frisa que a ambos cabe o mais alto e pleno poder de direção na Igreja (cf. LG 22); o que, porém, só é pensável se tanto o colégio dos bispos com sua cabeça, o bispo de Roma, como também, vice-versa, essa cabeça com o seu colégio **ajam** juntos, de maneira que mutuamente se **sustentem**, cada lado à sua maneira **própria** e **diversa** uma da outra, no exercício dessa *comunhão* que capacita a essa igual plenipotência.

O enfoque pneumatológico manifesta-se também na questão do relacionamento de **comunidade** e **ministério**. O Concílio lançou as bases que superam o modelo da **superposição** e **subordinação** e conduzem a uma **dependência** e **relacionamento** mútuos que conservem plenamente os papéis diversos. Uma vez que em todos os fiéis age “o único e mesmo Espírito” (I Cor 12,11), todas as diversas vocações eclesiais não passam de desenvolvimentos de uma **fundamental igualdade** no Espírito Santo:

Um é pois o Povo eleito de Deus: ‘um só Senhor, uma só fé, um só batismo’ (Ef 4,5). Comum a dignidade dos membros pelo renascimento em Cristo. Comum a graça de filhos. Comum a vocação à perfeição. Uma só a salvação, uma só a esperança e indivisa a caridade. Não há, pois, em Cristo e na Igreja, nenhuma desigualdade em vista de raça ou nação, condição social ou sexo, porquanto ‘não há judeu ou grego, não há servo ou livre, não há varão ou mulher, porque todos vós sois um em Cristo Jesus’ (Gl 3,28 greg.; cf. Cl 3,11).

Se pois na Igreja nem todos seguem o mesmo caminho, todos, no entanto, são chamados à santidade e receberam a mesma fé pela justiça de Deus (cf. 2Pd 1,1). E, ainda que alguns por vontade de Deus sejam constituídos mestres, dispensadores dos mistérios e pastores em benefício dos demais, reina, contudo, entre todos verdadeira igualdade quanto à dignidade e ação, comuns a todos os fiéis, na edificação do Corpo de Cristo (LG 32).

Apontemos, enfim, a redescoberta dos **carismas** e de sua importância para a vida da Igreja (LG 12; AA 3). Também com eles se desfaz uma visão de Igreja que prometia quase exclusivamente aos portadores de ofícios a posse do Espírito para a construção da Igreja. Compete aos fiéis não só o carisma da obediência, mas inteiramente os dons do Espírito que facultam para um papel ativo não só no que respeita ao testemunho no mundo, mas também dentro da comunidade, e sem os quais os portadores de ofícios não podem exercer adequadamente o seu ministério. Isso é especialmente enfatizado pelo Concílio, quando fala da **indefectibilidade da Igreja**: “O conjunto dos fiéis, ungidos que são pela unção do Santo (cf. 1Jo 2,20 e 27), não pode enganar-se no ato de fé. E manifesta esta sua peculiar propriedade mediante o senso sobrenatural da fé de todo o povo quando, ‘desde os Bispos até os últimos fiéis leigos’ (Agostinho), apresenta um consenso universal (*universalem consensum*) em questões de fé e costumes” (LG 12). Sobre esse consenso universal dos fiéis, guardada pelo Espírito Santo de um erro fundamental, repousa o “carisma da infalibilidade” (cf. LG 25).